EDWARD & JULIEN

VICTOR D'ARVENNE

Edward & Julien

ROMANCE

astrum editorial

Copyright © 2026 Victor d'Arvenne
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Embora a avalanche de Wellington, em março de 1910, seja um fato histórico, os personagens, seus diálogos e suas histórias são criações do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais é coincidência.

Fotografias e retratos criados com inteligência artificial (Google Flow).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D'Arvenne, Victor

Edward & Julien / Victor d'Arvenne. 1. ed. São Paulo: Astrum Editorial, 2026.

247 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-65-970404-5-2

1. Ficção brasileira. 2. Romance histórico. 3. Homossexualidade masculina: ficção. 4. Paris (França): 1907–1909: ficção. 5. Avalanche de Wellington (Washington, EUA), 1910: ficção. I. Título.

CDD 869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

astrum editorial

Astrum Editorial
São Paulo, 2026
astrumeditorial.com

Para todos os que amaram
sem poder dizer o nome.

Plaisir d'amour ne dure qu'un moment,
Chagrin d'amour dure toute la vie.

Jean-Pierre Claris de Florian, *Plaisir d'amour* (1784)

And that night I was happy.

Walt Whitman, *Leaves of Grass*

OS PERSONAGENS



EDWARD ASHCOMBE

Inglês. Nasceu em Clifton, Bristol, em 14 de maio de 1887. Filho de um armador de Bristol. Chega a Paris em 1907, aos vinte anos, para um ano de estudos de pintura que o pai tolera como se tolera uma febre de juventude. Aprendeu cedo a fazer-se pequeno.



JULIEN ROUSSEAU

Francês. Nasceu em Lyon, no bairro da Croix-Rousse, em 9 de setembro de 1886. Filho de um fabricante de seda, aluno da Académie Colarossi. Ri alto, desenha o tempo todo e chega atrasado a tudo, exceto ao que realmente lhe importa.



EDWARD E JULIEN

Paris, 1908



ELLEN MARSH, 1910

Inglesa. Nasceu em Southampton, em 2 de abril de 1884. Enfermeira, expulsa de um hospital de Whitechapel e recomeçando num hospital de freiras no oeste americano. Tem vinte e cinco anos e um passado que não cabe em mala alguma.



ELLEN MARSH, 1967

Aos oitenta e três anos, em Southampton, decide cumprir uma promessa feita há cinquenta e sete.



BEATRICE

Inglesa, nascida em Norfolk em 1885. Enfermeira, colega de Ellen no hospital de Whitechapel, em 1906. Ria de tudo e cantava hinos fora do tom.

E AINDA

Margaret Ashcombe
inglesa, de Bath (1864), mãe de Edward, que lê romances escondida

Sr. Ashcombe
inglês, de Bristol (1856), armador, dono de um cofre de ferro verde

Monsieur Rousseau
francês, de Lyon (1851), fabricante de seda

Madame Gauthier
francesa, dona da pensão da rue Vavin

Madame Pélissier
francesa, zeladora da rue Delambre, surda de um ouvido

Rupert Halsey
inglês, de Oxford (1886), colega da academia, de língua afiada

Kazimierz Wolski
polonês, de Cracóvia (1868), escultor da rue de la Grande-Chaumière

Tom Whitcomb
americano, de Filadélfia (1882), colega da academia, de volta a Nova York

Signora Esposito
italiana, de Nápoles, senhoria da Sullivan Street

Ambrose Leigh
inglês, de Oxford (1858), crítico de teatro em Nova York, sempre com um cravo branco na lapela

Lowell
americano, de Boston (1886), fugiu de Harvard e recita Keats

Monsieur Delorme

francês, representante da casa Rousseau na Quarta Avenida

Lionel Crane

inglês, professor de grego em Cambridge, passageiro do trem 25

Dorothy Fenwick

inglesa, de Leeds (1883), jovem viúva, passageira do trem 25

Os Lindqvist

suecos, de Värmland, a caminho de uma serraria perto de Seattle

Moses Turner

americano, de Saint Paul, Minnesota, carregador do vagão-leito

PRÓLOGO

Southampton, julho de 1967

A NOTÍCIA chegou-me pelo rádio da cozinha, espremida entre a previsão do tempo e a cotação da lã, dita com a mesma voz impassível com que se anunciam as marés. A lei, informou o locutor, recebera a sanção real; dali em diante, dois homens que se amassem entre quatro paredes deixavam de ser criminosos na Inglaterra e no País de Gales. Em seguida, como se nada houvesse acontecido, irrompeu uma dessas canções ruidosas que os rapazes de cabelo comprido entoam agora. Desliguei o aparelho. A chaleira gemia no fogão, cada vez mais aguda, e eu permaneci imóvel no meio da cozinha até que o apito se tornou um lamento insuportável e me lembrei, por fim, de que ainda tinha mãos.

Tenho oitenta e três anos. Esperei cinquenta e sete anos por aquela frase, e ela durou menos que o tempo de ferver a água.

Não sou dada a solenidades. Passei metade da vida medindo febres e a outra metade alisando lençóis que outros haviam amarrotado, e quem se ocupa por tanto tempo da desordem alheia aprende a desconfiar das vozes altas e dos gestos largos. Naquela tarde, porém, subi a escada devagar, agarrada ao corrimão, abri a última gaveta da cômoda e retirei dali, envolto numa fronha de linho como se envolve um recém-nascido ou um morto, um caderno que não me pertence.

A capa é de pano verde-escuro, puída nos cantos como as lombadas dos missais muito rezados. As páginas guardam nas bordas uma auréola ama-

relada, onde a chuva de uma noite de montanha atravessou a minha blusa e o meu xale e o encontrou, apesar de tudo, deixando a sua assinatura parda, essa que a água imprime em tudo o que toca e não leva. Algumas folhas fundiram-se para sempre umas às outras, e jamais tive coragem de separá-las com a lâmina de uma faca: há segredos que merecem continuar colados. Nas demais sobrevivem desenhos a carvão e a grafite. Telhados de Paris sob a chuva. Uma mesa de café com dois copos. Um gato adormecido sobre um fogão de ferro. Mãos, inúmeras mãos, abertas, cerradas, pousadas num joelho. E um rapaz. Sempre o mesmo rapaz, retratado dezenas de vezes, de frente, de perfil, de costas, lendo, rindo, dormindo, como se quem o desenhou temesse que o rosto amado pudesse dissolver-se no instante em que deixasse de olhá-lo.

Este caderno desceu uma montanha da América contra o meu peito, por baixo da blusa, numa noite em que a chuva caía sobre a neve e o céu se rasgava em relâmpagos, e atravessou depois o Atlântico no fundo da minha mala. Desde então, acompanhou-me em seis mudanças. Dormiu no fundo de malas, em caixas de chapéu, num baú de enxoval que nunca cumpriu o seu destino. Ninguém com quem dividi um teto soube que ele existia.

Colado ao verso da capa há um envelope pardo, e dentro dele onze fotografias. São pequenas, amareladas, algumas riscadas, uma dobrada ao meio por descuido meu numa das mudanças. A primeira tirou-a no ateliê Tom Whitcomb, um colega americano da academia que possuía uma Kodak de fole e a mania de fotografar tudo o que se mexia; a da mansarda e a da praia, tiraram-nas eles mesmos, com a máquina que Tom lhes emprestava sem perguntar para quê, pousada numa cadeira ou num rochedo, e uma pera de borracha que Julien apertava escondida na mão. Outras foram compradas por alguns centavos a esses fotógrafos que rondavam os cafés, os cais, as feiras e as estações à cata de fregueses. A da mansarda de Nova York, cheia de amigos e de fumaça, saiu da Kodak de Tom, pousada em cima da cômoda numa noite de verão; foi ele quem apertou a pera de borracha, e por isso ri tanto. No verso de cada uma, Edward escreveu a lápis, com a mesma letra esmerada das cartas, o lugar e a data, e nada mais, como quem sabe que o retrato de dois rapazes juntos não deve levar nomes. As

duas últimas não estavam no envelope quando o caderno chegou às minhas mãos. Recebi-as pelo correio, de Cambridge, no outono seguinte, enviadas por um passageiro do trem que as tirara com a sua Kodak de bolso, uma na plataforma de Leavenworth, outra na manhã em que desceu a pé a montanha; fui eu que as guardei junto das outras e que escrevi no verso, com a minha letra, o que eles já não podiam escrever. Os nomes, que Edward nunca pôs, acrescento-os agora nas legendas, da direita para a esquerda, como quem os chama um a um. Reproduzo-as nestas páginas, cada uma no lugar a que pertence, com as anotações tais como estão.

Prometi a um jovem, num trem que descia da montanha para o mar, que guardaria este caderno e contaria a história dele. Implorou-me isso com a pouca voz que lhe restava. Prometi também esperar, como ele próprio pediu, até que ninguém mais pudesse ser preso por causa dela. Ao que parece, a hora chegou. O rádio da cozinha assim o decretou.

Devo ao leitor, antes de tudo, uma franqueza. Não estive em Paris. Não conheci o ateliê, nem a mansarda sob o telhado, nem o mar cinzento da Normandia. O que sei dessa parte da história vem de três fontes, e convém que o leitor as conheça. A primeira são as vozes deles. Durante seis dias, presos pela neve numa aldeia de ferroviários, os dois falaram-me de Paris numa mesa ao canto de um hotel, ao pé do fogão; depois, ao longo de três dias e três noites, numa enfermaria improvisada que cheirava a lã molhada e a ácido fênico, Edward confiou-me, febril, o resto, aquilo que só se diz a quem já sabe. A segunda é este caderno, com os desenhos que Julien fez durante quase três anos e as fotografias de que falarei adiante. A terceira são as cartas que encontrei dobradas entre as páginas: umas numa caligrafia inglesa esmerada, de menino bem-educado que aprendeu cedo a não borrar a tinta; outras numa letra francesa apressada, que atravessaram o Canal para ficar escondidas numa lata de biscoitos. Onde as vozes, os desenhos e as cartas se calam, inventei. Não peço perdão por isso. Também eu amei um dia às escondidas, também eu aprendi a baixar a voz nos corredores e a decifrar passos na escada antes que chegassem à porta, e sei de que matéria são feitas essas coisas. O que não vi, imaginei com o que vivi. Talvez seja essa a única maneira honesta de narrar aquilo que os outros nos entregam para guardar.

A parte da montanha, essa eu testemunhei. Ali nada inventarei. Direi o que vi, o que escutei através das portas e o que escolhi não ver, que foi quase tudo, porque desde o primeiro dia compreendi que o maior bem que podia fazer àqueles dois era desviar os olhos.

Era fevereiro de 1910. Eu tinha vinte e cinco anos, uma maleta de enfermeira e um passado que não cabia em mala alguma. Viajava num trem que atravessava as montanhas da América rumo ao Pacífico e que, segundo os homens da ferrovia, havia de chegar ao seu destino numa questão de horas.

Mas esta história não começa na montanha. Começa em Paris, num outono de chuva miúda, com um rapaz inglês que não sabia desenhar.

PARTE I

O ateliê



Ateliê da Académie Colarossi, rue de la Grande-Chaumière.
Paris, outubro de 1907.

Da direita para a esquerda: Julien e Edward.

1

Gare du Nord

EDWARD Ashcombe chegou a Paris numa tarde de outubro de 1907, trazendo uma mala de couro que fora do pai, uma pasta de desenhos que ele próprio julgava medíocres e a suspeita, que o acompanharia por semanas, de que todos ao redor compartilhavam um segredo do qual só ele fora excluído.

Chovia sobre a Gare du Nord. Não a chuva grossa e franca de Bristol, que desaba de uma vez e se despede, mas uma garoa oblíqua, quase imaterial, que não molhava: insinuava-se. Penetrava pelas golas, pelos punhos, pelas costuras dos sapatos, com a paciência de uma ideia fixa. Sob a abóbada de ferro e vidro, as locomotivas arfavam como grandes bestas exaustas, e o ar recendia a carvão, a lã úmida e a castanhas que um velho assava num braseiro junto à saída. Um carregador de boné azul estendeu a mão para a mala, dizendo algo veloz demais para ser compreendido, e Edward, por timidez, recusou com um gesto que pretendia ser cortês e resultou apenas desastrado. Arrependeu-se antes da metade da plataforma. A mala pesava como um argumento paterno.

No fiacre que o conduziu à margem esquerda, enquanto os cascos dos cavalos escorregavam no calçamento lustroso e a cidade desfilava pela janela em borrões de cinza e ouro, ele recitou em silêncio as cláusulas do acordo. Um ano, nem um dia a mais. Aulas de francês pela manhã, para os negócios. Uma visita aos agentes da firma no Havre antes do Natal. Cartas semanais à mãe e mensais ao pai, estas acompanhadas de um balanço das

despesas. Quanto à pintura, era tolerada como se tolera uma febre de juventude: coisa que cede por si, desde que não se lhe conceda importância.

"Um cavalheiro deve saber falar de pintura", sentenciara o Sr. Ashcombe na véspera da partida, sem erguer os olhos do jornal. "Não precisa saber pintar."

Fora a mãe quem vencera a contenda, à sua maneira silenciosa, que consistia em jamais contestar e permitir que o marido acreditasse ter concebido sozinho cada ideia que ela lhe soprava. Na plataforma de Temple Meads, enquanto o pai consultava o relógio de bolso, ela deslizara para dentro do sobretudo do filho um envelope com dinheiro que não figuraria em balanço algum. Dentro, numa tira de papel, três palavras na sua letra inclinada: *Olhe para tudo.*

Ele ainda não sabia o que fazer daquela ordem. Consumira vinte anos aprendendo o contrário.

A travessia do Canal, na véspera, fora a primeira coisa a ensinar-lhe que o mundo podia ser maior do que a casa do pai. Partira de Dover numa manhã de vento cortante, e o vapor, um barco baixo e fumarento que cheirava a óleo de máquina e a enjoo alheio, sacudira-se durante duas horas sobre um mar cinzento e encrespado como chumbo derretido. Os outros passageiros tinham-se refugiado no salão, entre chá morno e bacias de latão. Edward ficara no convés, agarrado à amurada, com o rosto molhado de espuma e uma alegria inexplicável no peito, como se cada vaga que o barco vencia o afastasse um palmo da mesa de jantar de Clifton, do jornal aberto, da voz que não se alterava nunca.

A meio da travessia, um marinheiro de boné encerado, um rapaz da sua idade, de braços nus apesar do frio e cabelos cor de palha emplastrados pelo sal, parara ao lado dele para enrolar uma corda. Olhara-o de alto a baixo, sorrira, e dissera qualquer coisa sobre os cavalheiros de Londres que gostam de tomar chuva. Edward respondera com uma frase educada e vazia. O marinheiro demorara-se ainda um instante, mais do que a corda exigia, e depois fora embora assobiando. Durante o resto da viagem, Edward não conseguira tirar os olhos das costas largas que se moviam entre os cabos, e quando o barco atracou em Calais sentiu uma vergonha sur-

da, sem objeto, como quem acorda de um sonho de que não se lembra mas que sabe ter sido indecoroso.

No trem para Paris, partilhara a cabine com um padre belga, gordo e sorridente, que comia pão com chouriço embrulhado num jornal e lhe fez, entre Arras e Amiens, um sermão bem-humorado sobre os perigos da capital. "Paris, meu filho", disse, limpando os dedos na batina, "é uma cidade onde as almas se perdem ou se encontram. Nunca vi nenhuma sair de lá igual." Edward agradecera o aviso com a cortesia de sempre. Só muito tempo depois perceberia que o padre não fizera um aviso. Fizera uma profecia.

A pensão ficava na rue Vavin, num prédio estreito de cinco andares, com portal de carvalho escurecido pelo tempo e uma zeladora que o inspecionou dos sapatos ao chapéu, demoradamente, antes de lhe confiar a chave. A proprietária, Madame Gauthier, era uma viúva de luto perpétuo que exalava lavanda e repolho cozido e lhe expôs os regulamentos da casa num inglês de frases curtas e inapeláveis. Café às sete. Jantar às sete e meia. Nenhuma visita depois das dez. Nenhuma visita feminina, nunca. Pronunciou esta última olhando-o direto nos olhos, como quem conhece a juventude e dela nada de bom espera, e Edward ruborizou sem motivo, sentindo-se, uma vez mais, réu de uma falta que não cometera.

O aposento ficava no quarto andar. Tinha uma cama de ferro, um lavatório com jarro e bacia esmaltados, uma cômoda cujas gavetas se recusavam a fechar e uma janela aberta sobre um oceano de telhados de zinco, chaminés de barro e claraboias que reluziam como escamas. Quando a chuva cessou, perto do crepúsculo, o céu rasgou-se numa fenda alaranjada sobre os telhados, e Edward demorou-se à janela, as mãos nos bolsos, sem discernir se o que lhe apertava o peito era medo ou o presságio de outra coisa, ainda sem nome.

Antes de escrever, despejou água do jarro na bacia e lavou o rosto. No espelho oval sobre o lavatório, manchado de umidade nas bordas, um rapaz alto o observava com uma desconfiança que ele conhecia bem. Os outros o achavam bonito; ele sabia disso como se sabe um fato que não se compreende. As amigas da mãe chamavam-no "o belo Edward" nos chás de domingo, e as moças dos bailes de Clifton disputavam-lhe as valsas,

para depois se queixarem de que ele dançava como quem cumpre uma obrigação. O espelho mostrava o que elas viam: um corpo esguio mas firme, endurecido por quatro anos de remo no rio Avon; cabelos castanho-claros, finos, repartidos ao meio com rigor escolar; pele clara, que corava à menor provocação; um maxilar bem desenhado, herança do pai, e olhos cinza-azulados de cílios longos, herança da mãe, junto com a tristeza que morava neles. A boca era o traço mais inquieto do rosto, sempre à beira de dizer algo que jamais pronunciava. Edward nunca se demorava diante de espelhos. Achava a vaidade suspeita, coisa de mulheres e de estrangeiros, e havia algo mais, que não confessava nem a si mesmo: contemplar um corpo de homem, ainda que fosse o seu, parecia-lhe uma pequena transgressão. Enxugou o rosto e desviou a vista.

Naquela noite escreveu à mãe. Descreveu a travessia agitada do Canal, a cortesia de um padre belga no trem, a chuva. Omitiu que almoçara sozinho num restaurante onde não soubera pedir coisa alguma e acabara diante de um prato de rins que abominava; omitiu que, ao atravessar o Sena, sentira os olhos arderem sem razão aparente. Concluiu afirmando que estava muito bem instalado e que Paris era magnífica, o que era verdade, e que não se sentia nem um pouco só, o que não era.

Depois apagou o lampião e ficou deitado no escuro, escutando a cidade respirar.

A cidade não dormia. Isso foi a primeira coisa que aprendeu sobre ela. Em Clifton, depois das onze, o silêncio era tão completo que se ouvia o relógio do vestíbulo dois andares abaixo. Em Paris, a noite era um tecido de rumores. Rodas de fiacre nas pedras. Passos apressados de salto alto. Uma porta que batia, uma janela que se abria, um cão que ladrava três ruas adiante. De um café próximo vinha o som abafado de um acordeão tocando uma valsa triste, e, por cima dela, uma voz de homem, rouca de vinho, que cantava fora do tom uma canção de amor. Alguém riu na calçada, uma risada de mulher, depois uma de homem, depois as duas juntas, e o riso foi-se afastando até se perder na esquina.

Edward ficou muito tempo de olhos abertos, ouvindo. Sentia-se ao mesmo tempo assustado e estranhamente acompanhado, como se a cidade inteira se tivesse instalado no quarto com ele, ruidosa, indiscreta, viva.

Pensou na mãe, que naquela hora estaria lendo à luz de uma vela um dos romances franceses que escondia sob o colchão, longe do olhar do marido. Pensou que talvez ela tivesse sonhado com noites assim, com valsas tristes e risos na calçada, e que nunca as tivera. Pensou que a tira de papel no envelope talvez não fosse um conselho, mas um pedido: *olhe por mim*. Adormeceu tarde, com o acordeão ainda tocando, e sonhou que remava sozinho num rio que não acabava nunca.

Havia em Edward Ashcombe, aos vinte anos, uma espécie de recolhimento que os outros confundiam com boas maneiras. Falava baixo, desculpava-se antes de entrar numa sala e torcia os punhos da camisa sempre que alguém o fitava por mais tempo do que o razoável. Os mestres do Clifton College descreviam-no nos boletins como "aplicado, discreto, de caráter sólido", e o pai lia esses adjetivos em voz alta à mesa do jantar com a satisfação de um negociante que confere o inventário. Ninguém indagava de onde provinha tamanha discrição. Ninguém suspeitava do esforço que ela lhe custava.

Aprendera a fazer-se pequeno aos dezessete anos. Fora no inverno de 1905, o mesmo em que os jornais estamparam trechos da longa carta que um escritor irlandês redigira no cárcere, e o nome desse autor passou a correr pelos corredores da escola como palavra imunda, cochichada entre risinhos e cotoveladas. Naquele inverno, Edward travara amizade com um colega do ano seguinte, um rapaz de Gloucester que tocava Chopin com uma melancolia imprópria para a idade e lhe emprestava livros de poesia. Passavam as tardes de domingo na biblioteca, lendo calados, os joelhos quase se roçando sob a mesa. Nada além disso aconteceu. Nem foi preciso. Um monitor do internato reparou, comentou, e o diretor convocou ambos ao gabinete para uma conversa sobre "amizades particulares" que Edward jamais esqueceria: o tom paternal, as palavras vagas, a ameaça que nunca se enunciava por inteiro e, justamente por isso, ocupava a sala como um gás. O colega de Gloucester foi transferido de dormitório. Nunca mais se falaram. E Edward, que jamais soube exatamente de que fora acusado, compreendeu apenas que trazia em si algo de errado e sem nome, algo que precisava ser vigiado como se vigia uma vela acesa rente a uma cortina.

Desde então, vigiava-se. Com tal competência que, por vezes, chegava a esquecer o que vigiava.

Vigiava-se em casa, sobretudo. A casa dos Ashcombe era um edifício alto de pedra clara no alto de Clifton, de onde se avistavam, do lado das traseiras, as gruas e os mastros do porto, e do lado da frente a ponte suspensa sobre o desfiladeiro do Avon, que o avô vira inaugurar e de que falava como de um feito pessoal. Era uma casa de tapetes espessos, relógios exatos e conversas que nunca passavam da superfície. A firma, Ashcombe & Filhos, Armadores e Consignatários, ocupava as manhãs, as tardes e boa parte dos jantares do pai, que falava de fretes como outros homens falam de mulheres ou de cavalos. O "& Filhos" da tabuleta, no singular impossível de um filho único, pesava sobre Edward desde que aprendera a ler.

Desenhava desde menino. Desenhava às escondidas, nas margens dos cadernos de aritmética, no verso das cartas de felicitações, em folhas arrancadas que depois dobrava em quatro e escondia dentro dos sapatos de domingo. Desenhava os navios do porto, as gaivotas, os gatos da cozinheira, a mãe lendo junto à janela. Aos doze anos, o pai encontrou uma dessas folhas, um retrato da mãe de perfil, surpreendentemente parecido, e examinou-o em silêncio, com os óculos na ponta do nariz, como examinava os conhecimentos de embarque. Depois devolveu-o sem uma palavra. No dia seguinte, Edward encontrou sobre a escrivaninha um livro de contabilidade comercial encadernado em couro, com o seu nome gravado a ouro na capa. Nunca mais desenhou a mãe.

Foi ela quem lhe arranjou, aos dezesseis, um professor de desenho, um velho pintor de paisagens que morava em Hotwells e que vinha às quintas-feiras, enquanto o pai estava no escritório. Foi ela quem, quatro anos depois, convenceu o marido de que um ano em Paris era coisa de cavalheiro, não de artista. E foi ela quem, na plataforma de Temple Meads, lhe apertou a mão com uma força que ele nunca esqueceria, como se lhe passasse, junto com o envelope, uma coisa que não tinha nome.

Na manhã seguinte, após um café aguado e um pão que Madame Gauthier parecia racionar por convicção moral, Edward atravessou o boulevard du Montparnasse e subiu a rue de la Grande-Chaumière até o número indicado na carta de admissão. A Académie Colarossi ocupava um casa-

rão antigo com pátio interno, escadas de madeira cavadas ao meio por gerações de passos e um cheiro que ele reconheceria até o fim da vida: terebintina, óleo de linhaça, carvão, lã encharcada e o bafo seco de um fogão de ferro aceso desde a madrugada.

O ateliê masculino era uma nave comprida, quase eclesiástica, sob uma claraboia imensa por onde descia uma claridade branca e fria de outono, uma luz de catedral sem santos. Os cavaletes desenhavam um semicírculo irregular em torno de um estrado de tábuas. Havia rapazes de todas as latitudes: americanos de vozes amplas como pradarias, um sueco altíssimo e pálido, dois russos que discutiam sem trégua, um japonês silencioso de óculos redondos, franceses que pareciam habitar ali desde sempre, os paletós constelados de tinta e o cigarro preso ao lábio como uma vírgula. Ninguém reparou nele, o que foi ao mesmo tempo um alívio e uma pequena humilhação.

O massier, um ruivo autoritário encarregado da ordem e das mensalidades, indicou-lhe um lugar na segunda fila, entre um cavalete vazio e um americano que assobiava entre dentes. No estrado, um velho modelo italiano, de barba nívea e corpo ainda robusto, assumiu a pose com a indiferença soberana de quem já emprestara o corpo a metade dos pintores da Europa. Alguém virou a ampulheta. O silêncio desceu sobre a sala como uma toalha que se estende sobre a mesa.

O americano chamava-se Tom Whitcomb, era de Filadélfia e apresentou-se a Edward antes mesmo de a pose começar, estendendo-lhe uma mão enorme e sardenta e um pedaço de miolo de pão. "Para apagar", explicou, com um sorriso largo. "Aqui ninguém usa borracha. Dizem que estraga o papel. Eu acho que é só porque o pão é mais barato." Tinha vinte e cinco anos, um tio rico que colecionava quadros e uma opinião sobre tudo, que expunha em voz alta, num inglês arrastado que fazia o massier revirar os olhos. Contou a Edward, em três minutos, que estava em Paris havia dois anos, que tinha estudado na Julian antes de se zangar com um professor, que a Colarossi era mais barata e mais livre, que os franceses eram uns esnobes e as francesas umas deusas, e que ali, naquela sala, havia pelo menos dois gênios e vinte imbecis, e que ainda não decidira em que grupo se incluía.

"E o senhor?", perguntou. "Gênio ou imbecil?"

"Contabilista", respondeu Edward, sem pensar.

Tom Whitcomb riu tão alto que o massier lhe atirou um olhar fulminante. Edward sentiu-se corar, mas sentiu também, pela primeira vez desde que chegara, uma pequena centelha de cumplicidade, como quem acende um fósforo num quarto escuro.

Edward prendeu a folha à prancheta, escolheu um bastão de carvão, contemplou o modelo e sentiu, com uma lucidez desoladora, que não fazia ideia de por onde começar.

Ensaiou a cabeça. Saiu grande demais. Ensaiou os ombros, para compensar, e o ancião ganhou no papel a estatura de um gigante de feira. Apagou com miolo de pão, como via fazer o americano ao lado, e a folha tornou-se cinzenta e triste como um céu de fevereiro. Recomeçou. As proporções fugiam-lhe como água entre os dedos. Cada linha que traçava parecia pedir licença para existir e, mal alcançava o fim, já se arrependia de ter nascido. Quando a ampulheta virou pela segunda vez, a folha era um palimpsesto de tentativas sobrepostas, uma multidão de velhos italianos malogrados, nenhum deles convincente.

Foi então que ouviu o riso.

Não era um riso cruel. Era pior: era um riso encantado, irreprimível, de quem acaba de descobrir algo genuinamente cômico e não consegue guardá-lo para si. Vinha de trás, tão de perto que Edward sentiu o ar estremecer junto à nuca. Voltou-se devagar, o rosto já em brasa.

Encostado ao cavalete vazio havia um rapaz que não tinha o direito de ser tão bonito numa manhã de segunda-feira. Foi esse o primeiro pensamento de Edward, e ele o expulsou no mesmo instante, com a destreza de quem passou anos fechando portas por dentro. Mas a imagem já entrara. Os cabelos escuros, espessos e revoltos, caíam-lhe sobre a testa como se o vento acabasse de atravessá-los. Os ombros largos e o peito firme esticavam a camisa de mangas arregaçadas, e os antebraços, bronzeados e fortes, eram de quem rema, carrega telas ou lavra a terra, não de quem passa os dias diante de um cavalete. Um laço de seda negra pendia desfeito ao pescoço, sobre a pele morena. O rosto tinha a gravidade de uma escultura romana e a malícia de um menino: maxilar marcado, sobrancelhas espessas,

uma boca cheia, quase indecente, que parecia feita para o riso e para outras coisas que Edward se proibiu de nomear. Os dedos estavam manchados de tinta até a raiz das unhas.

Ele não olhava para o modelo. Contemplava o desenho de Edward com a cabeça inclinada, os olhos escuros cintilando de divertimento, como quem examina uma ave rara caída do ninho. Depois, sem pressa, ergueu a vista da folha para o rosto do inglês, e ali a deteve. Não por um instante, como seria natural entre dois estranhos, mas um segundo além, e depois outro, com a calma de quem sabe exatamente o que faz e se diverte com o efeito. Percorreu-lhe a testa, os olhos, a boca, e regressou aos olhos. O sorriso mudou de natureza: deixou de zombar do desenho e passou a ocupar-se do desenhista.

Edward sentiu o sangue subir-lhe às faces e baixou o olhar para os próprios sapatos, como fazia desde menino. Nunca soubera sustentar uma mirada demorada. Menos ainda uma como aquela, que não pedia licença e parecia ler, por baixo da gola engomada, a página que ele mantinha fechada havia cinco anos.

"*Monsieur l'Anglais*", disse o desconhecido, num inglês de sotaque espesso, baixando a voz como quem partilha um segredo, "o senhor desenha como quem pede desculpas."

❧

Edward levou alguns segundos para compreender que a frase lhe era dirigida, e outros tantos para encontrar uma resposta. Quando a encontrou, ela saiu num francês de manual, rígido como o próprio colarinho:

"*Je suis désolé.*"

O desconhecido riu outra vez, agora de lábios cerrados, um riso que lhe subiu pelos ombros e se dissolveu nos olhos.

"*Voilà.* Está vendo? O senhor pede desculpas até quando fala."

Antes que Edward pudesse protestar, o rapaz deu um passo e postou-se atrás dele, tão perto que o inglês sentiu na nuca o calor de outro corpo e, no ar, um aroma que nunca associara a ninguém: terebintina, tabaco escuro e, por baixo de tudo, algo cítrico, como casca de laranja esquecida num

bolso. Uma mão grande, áspera de tinta seca, fechou-se sobre a sua, a que segurava o carvão. Não pediu licença. Pousou ali com a naturalidade de quem retoma um objeto que lhe pertence.

"Não desenhe o homem", murmurou-lhe junto ao ouvido. "Desenhe o peso. Veja: ele descansa na perna esquerda. O corpo inteiro cai para esse lado, como água num vaso inclinado. Comece pela queda."

E conduziu-lhe a mão. Do pescoço do velho ao calcanhar, uma única linha desceu pela folha, firme, elástica, sem hesitação alguma, e de repente havia ali um corpo que pesava, que respirava, que se apoiava no mundo. Era a primeira linha viva que saía daqueles dedos. Só que não era inteiramente dele.

Edward não se moveu. Ficou rígido como um soldado em revista, o coração batendo contra as costelas com uma violência absurda, enquanto o peito do outro quase lhe roçava as costas e a respiração alheia lhe aquecia a orelha. Sentiu vergonha, uma vergonha antiga, de dormitório; e sentiu, por baixo dela, uma paz estranha, quase escandalosa, como se o corpo, por um instante, tivesse deixado de vigiar a si mesmo.

A mão demorou-se sobre a sua um momento a mais do que a lição exigia. Ao retirar-se, o polegar escorregou de leve pela face interna do pulso de Edward, onde a pele é fina e o sangue se denuncia.

"O seu coração está correndo como o de uma lebre, *monsieur*", observou o rapaz, em voz baixíssima, com uma doçura que não combinava com a zombaria das palavras.

Edward puxou a mão para junto do peito como se a tivesse queimado num fogão. Do outro lado da sala, o massier ruivo lançou-lhes um "*Silence!*" de sacristão, e o desconhecido ergueu as palmas num gesto teatral de rendição, recuou até o cavalete vazio e prendeu nele uma folha. O cavalete era dele. Chegara atrasado, Edward haveria de descobrir, como chegava atrasado a tudo, exceto ao que realmente lhe importava.

Pelo resto da sessão, Edward não conseguiu desenhar mais nada que prestasse. Sentia o olhar do outro pousado na nuca como uma mão que não se retirara de todo. Duas vezes arriscou espiar de soslaio. O rapaz trabalhava com uma entrega quase física, o corpo inteiro inclinado para a folha, as mangas arregaçadas até o cotovelo, os músculos do antebraço mo-

vendo-se sob a pele morena a cada traço largo, uma mecha escura colada à testa. Na segunda vez, Edward percebeu que ele não olhava para o modelo. Desviou a vista com raiva de si mesmo e cravou-a no velho italiano, que continuava a pesar sobre a perna esquerda, alheio a tudo, como pesam sobre o mundo os que já não esperam nada dele.

Quando os sinos de Notre-Dame-des-Champs anunciaram o meio-dia, a sala dissolveu-se num rumor de bancos arrastados, pastas fechadas e cigarros acesos. Edward guardou os desenhos depressa, de cabeça baixa, com a esperança covarde de escapar sem ser notado. Ao chegar à escada, encontrou-a ocupada. O rapaz estava sentado no terceiro degrau, as pernas compridas atravessadas no caminho, uma boina amarrotada na mão.

"Julien Rousseau", anunciou, sem se levantar. "De Lyon, para minha desgraça e para a da minha família."

"Edward Ashcombe. De Bristol." Estendeu a mão, por reflexo de boa educação, e arrependeu-se no mesmo instante.

Julien tomou-a e, outra vez, não a soltou quando deveria. Apertou-a com firmeza, olhando-o de baixo para cima com aqueles olhos escuros de pálpebras pesadas, e havia em todo o gesto uma insolência tão alegre que era impossível ofender-se com ela.

"Edward", repetiu, pronunciando o nome à francesa, alongando a última sílaba como se a provasse. "*Édouard.* Melhor. O senhor almoça comigo."

Não era um convite. Edward lembrou-se das cláusulas do acordo, da aula de francês marcada para as duas, de Madame Gauthier e do seu pão racionado, de toda a arquitetura de prudências que trouxera na mala.

"Tenho aula de francês às duas."

"Eu lhe dou aulas de francês. De graça." Julien levantou-se num só movimento, e Edward notou, contra a vontade, que eram quase da mesma altura, mas que o francês ocupava o espaço de outro modo, com os ombros, com o peito, como se o corpo dele tivesse sido feito para atravessar portas e o seu, para pedir passagem. "Em troca, o senhor me ensina a ser inglês. Parece um ofício dificílimo."

O Café du Dôme ficava na esquina do boulevard, a poucos passos dali, e naquela estação recolhia os seus fregueses para dentro, onde o ar era uma

névoa morna de fumo, café queimado e conversas em seis línguas. Havia espelhos manchados nas paredes, um balcão de zinco onde homens de chapéu bebiam de pé, e, numa mesa do fundo, um grupo de pintores alemães discutindo Cézanne com a gravidade de quem discute a existência de Deus. Julien escolheu uma mesa junto à janela embaciada, pediu sem consultar o cardápio duas omeletes, pão, um jarro de vinho tinto, e só então se virou para Edward, como quem se lembra tarde de ser cortês.

"O senhor bebe vinho ao almoço?"

"Não."

"Agora bebe."

Durante a refeição, Edward descobriu que Julien falava como pintava: com o corpo inteiro. As mãos desenhavam no ar o que as palavras não alcançavam, os talheres viravam pincéis, o pão servia para traçar mapas na toalha. Contou que o pai fabricava seda em Lyon, como o avô e o bisavô, numa casa onde se rezava o terço antes do jantar e se falava de dinheiro depois dele; que fora mandado a Paris para estudar Direito e, no segundo mês, trocara a faculdade pela academia sem avisar ninguém; que o pai descobrira, viera buscá-lo, e que os dois haviam chegado a um armistício provisório, renovado a cada trimestre junto com a mesada.

"Meu pai acha que a pintura é uma doença", disse, servindo mais vinho no copo de Edward antes que este pudesse impedi-lo. "Eu acho que a doença é a seda. Passar a vida inteira fabricando coisas bonitas para os outros vestirem e nunca ter coragem de vestir uma."

Disse aquilo rindo, mas por um instante o riso não lhe chegou aos olhos. Edward percebeu, e Julien percebeu que ele percebera, e mudou de assunto com a rapidez de quem fecha uma janela antes que entre o frio.

Edward falou menos. Falou de Bristol, dos navios da firma, do cheiro de alcatrão nas docas, do pai que lia jornais à mesa e da mãe que lia romances escondida. Falou do acordo: um ano, nem um dia a mais.

"Um ano", repetiu Julien, girando o copo entre os dedos, "é muito tempo, se o senhor souber gastá-lo."

Observava-o enquanto comia. Não disfarçava. Olhava-o como olhava o modelo no estrado, com uma atenção total e sem pudor, mas havia nessa atenção algo que o velho italiano certamente não recebera. Seguia-lhe o

movimento dos dedos sobre o garfo, a linha do pescoço quando ele bebia, o rubor que lhe subia às faces a cada pergunta direta.

"O senhor tem noiva na Inglaterra?"

"Não", respondeu Edward. Depressa demais.

"Ah." Foi tudo o que Julien disse. Mas o sorriso lento que acompanhou aquela sílaba dizia o resto.

"E o senhor?", devolveu Edward, mais para escapar do silêncio do que por curiosidade.

"Eu tenho uma lista." Julien encolheu os ombros. "Moças de boas famílias, com bons dotes, escolhidas pelo meu pai e aprovadas pelo nosso confessor. Não pretendo lê-la."

Tirou então do bolso interno do paletó um caderno pequeno, de capa de pano verde-escuro, já gasto nos cantos, e um toco de lápis. Sem pedir permissão, como tudo o que fazia, começou a desenhar enquanto Edward falava. Quando terminou, virou o caderno sobre a mesa e empurrou-o na direção dele.

Eram as mãos de Edward em torno do copo de vinho. Uns poucos traços, nervosos e exatos, e no entanto estava tudo ali: os dedos longos, os nós delicados, a tensão contida nos tendões, a maneira como seguravam o vidro com cuidado excessivo, como se o copo pudesse acusá-lo de alguma coisa. Eram mãos bonitas. Edward nunca pensara nelas assim.

"Não são minhas", disse.

"São exatamente suas." Julien recolheu o caderno e guardou-o de volta junto ao peito. "O senhor é que nunca olhou para elas."

Alguma coisa cedeu dentro de Edward naquele momento, com o ruído discreto de um gelo que racha sobre um lago. Pensou na tira de papel guardada no envelope, na letra inclinada da mãe. *Olhe para tudo.* Não disse nada.

Quando saíram, a chuva voltara, miúda e persistente. Julien não trazia guarda-chuva; Edward, que nunca saía sem um, abriu o seu e, depois de uma hesitação que lhe pareceu durar uma estação inteira, estendeu-o sobre os dois. Subiram assim a rue Vavin, sob a mesma cúpula de seda preta, os ombros chocando-se a cada passo desencontrado. Edward tinha consciência de cada contato como de uma série de pequenas queimaduras. Julien,

ao contrário, parecia não se dar conta de nada, assobiava, comentava as vitrines, e só uma vez, quando um fiacre passou rente à calçada, segurou Edward pelo braço e puxou-o para junto de si, e deixou a mão ali, sobre a manga molhada, até a porta da pensão.

"Até amanhã, *monsieur l'Anglais*", disse. "Chegue cedo. Vou guardar o seu lugar ao meu lado."

Recusou o guarda-chuva com um gesto largo e afastou-se sob a chuva, de cabeça descoberta, as mãos nos bolsos, os ombros largos desenhando-se contra a luz amarela dos lampiões. Na esquina, voltou-se uma única vez e ergueu a mão. Edward, que não tinha a menor intenção de continuar parado à porta, continuou parado à porta até ele desaparecer.

No patamar do segundo andar, Madame Gauthier esperava-o com um molho de chaves e o rosto de quem assistira a tudo pela janela.

"O senhor faz amigos depressa", comentou.

Não era uma pergunta, nem um elogio. Soou-lhe como uma acusação cuidadosamente embrulhada em boas maneiras, e Edward subiu os dois lances restantes com o rosto em fogo, como se carregasse nos bolsos alguma coisa roubada.

No quarto, tirou da pasta o desenho da manhã e prendeu-o com dois alfinetes na parede, sobre a cômoda que não fechava. Entre a multidão de velhos malogrados, havia uma única linha viva, aquela que descia do pescoço ao calcanhar, firme e sem desculpas. Ficou muito tempo olhando para ela. Depois, sem saber bem por quê, sentou-se na beira da cama, estendeu as mãos diante do rosto, sob a luz do lampião, e olhou-as demoradamente, de um lado e do outro, como se as visse pela primeira vez.

Sem perceber, começava a obedecer à ordem da mãe.

2

Plaisir d'amour

JULIEN cumpriu a promessa. Na manhã seguinte, quando Edward subiu a escada da academia meia hora antes do horário, com a desculpa interior de que gostava de escolher a luz, encontrou o cavalete vazio ao lado do seu já ocupado por uma boina amarrotada, um lenço manchado de óleo e um bilhete preso com um alfinete: *Reservado para o senhor inglês que pede desculpas.* Julien chegou, como sempre, quando a ampulheta já havia virado, e sentou-se ao lado dele sem uma palavra, como se fosse ali o seu lugar desde o princípio do mundo.

Assim começou o outono.

Houve, nas semanas seguintes, uma espécie de liturgia que nenhum dos dois combinou e ambos observaram com fervor. As manhãs pertenciam ao ateliê, ao velho italiano, às mulheres envoltas em panos, aos meninos magros que posavam por uns trocados. Julien corrigia os desenhos de Edward com uma severidade alegre, ora com palavras, ora pousando-lhe a mão no ombro para fazê-lo recuar um passo e ver a figura inteira, ora tomando-lhe o carvão e traçando, na margem, a linha que faltava. Edward aprendia depressa, mais depressa do que jamais aprendera latim ou contabilidade, talvez porque desta vez o professor não lhe inspirava medo, mas algo para o qual ainda não tinha palavra. As tardes eram das ruas.

As aulas de francês prometidas no primeiro almoço foram dadas de fato, e de graça, mas nunca numa sala. Davam-se na rua, aos tropeções, com o mundo por manual. Julien estabeleceu uma única regra, que comunicou como quem promulga um decreto: com ele, Edward falaria francês.

Inglês, só em caso de incêndio ou de morte. Apontava as coisas e exigia-lhes o nome, *le réverbère, la flaque, le pavé mouillé*, e quando Edward errava o gênero de uma palavra, ou pronunciava o *u* com a boca redonda e tímida de Bristol, Julien parava no meio da calçada e obrigava-o a repetir, uma, duas, cinco vezes, segurando-lhe o queixo entre o polegar e o indicador para lhe corrigir os lábios, como um mestre de canto corrige a boca de um menino de coro. Edward protestava, ria e obedecia. Julien, por sua vez, recusava-se a aprender inglês direito. Falava-o mal de propósito, com um sotaque espesso de que se orgulhava, e guardava-o para as provocações e para as zangas, como quem traz no bolso uma arma que só se saca para ferir. Em poucas semanas, os dois tinham inventado um idioma de contrabando, feito de francês emendado, de inglês estropiado e de meia dúzia de palavras que não pertenciam a língua nenhuma e que nenhum terceiro entenderia. Havia coisas que Edward só conseguia dizer em francês, porque em francês não lhe pareciam suas. E havia outras, raras, que Julien só dizia em inglês, baixinho, porque em inglês o assustavam menos.

Caminhavam. Paris, naquele outono, pareceu a Edward uma cidade inventada para ser percorrida a dois. Desciam o boulevard Saint-Michel até o rio, atravessavam a Pont des Arts quando o sol baixo incendiava as janelas do Louvre, seguiam o cais entre as caixas verdes dos alfarrabistas, onde Julien folheava gravuras do século dezoito com a avidez de um ladrão e o desdém de um príncipe. Subiam a Montmartre por escadarias íngremes e voltavam já de noite, com as pernas doendo e os bolsos cheios de castanhas. Julien parava diante de tudo: de um muro descascado, de uma lavadeira de braços vermelhos, do reflexo de um lampião numa poça. "Olhe", dizia, e segurava Edward pelo cotovelo, obrigando-o a deter-se. "Olhe isto. A luz não está no lampião. Está na água."

E Edward olhava. Olhava a água, o muro, a lavadeira, mas cada vez mais olhava a mão que o prendia pelo cotovelo e se esquecia de soltá-lo.

Aos domingos, iam ao Louvre. Julien tinha lá os seus santos particulares e visitava-os como um devoto percorre as estações da via-sacra: a pequena rendeira de Vermeer, curvada sobre os bilros num silêncio amarelo; as frutas e os copos de Chardin, que ele dizia serem mais comoventes do que todas as Madonas da Grande Galeria; um retrato de jovem de Ticiano,

diante do qual se demorava sempre, sem explicar por quê. Edward descobriu nessas manhãs que Julien, tão barulhento na rua, emudecia diante de um quadro. Ficava imóvel, as mãos cruzadas nas costas, os lábios ligeiramente entreabertos, e havia no seu rosto uma gravidade que transformava aquele rapaz impertinente em outra pessoa, mais antiga e mais séria. Nessas horas, Edward deixava de olhar para as telas.

"O senhor não está vendo o Ticiano", disse-lhe Julien certa vez, sem se voltar.

"Estou."

"Não está. Está me vendo ver o Ticiano." Então virou-se, e havia nos olhos dele uma ternura súbita, desarmada, que durou o tempo de um suspiro. "Não tem importância. É assim que se aprende a olhar."

Nem tudo era contemplação. Julien também o arrastava para os lugares onde a Paris dos rapazes da academia se derramava à noite: o café da esquina onde um poeta romeno recitava de pé em cima da mesa, os bailes populares da rue de Lappe, onde se dançava ao som de um acordeão entre operários e modistas, os ateliês de amigos onde se bebia absinto em copos de mostarda e se discutia Picasso até o amanhecer. Edward ia, ficava num canto, bebia pouco e observava. Via Julien rir, discutir, dançar com moças que o olhavam como as moças de Bristol olhavam para ele próprio, com esperança. E via, sem compreender o que via, que Julien dançava com elas como Edward dançava nos bailes de Clifton: com perfeição e de longe. Ao fim da música, era sempre ao canto de Edward que ele voltava, suado, os cabelos colados à testa, para roubar-lhe o copo e beber do mesmo lado em que ele bebera.

Uma noite, numa dessas salas da rue de Lappe, uma modista de olhos pintados demorou-se nos braços de Julien mais do que a valsa pedia. Encostou-lhe a cabeça ao ombro. Riu-lhe junto do pescoço. E Edward, sentado no seu canto com o copo intacto, sentiu subir-lhe do estômago uma coisa quente e amarga que ainda não sabia nomear e que, mais tarde, saberia nomear bem demais. Não era um sentimento que um rapaz de Clifton pudesse ter por outro rapaz; e no entanto ali estava, inteiro, com garras. Quando Julien voltou, suado, e estendeu a mão para o copo, Edward afastou-o um segundo antes de os dedos se tocarem. Julien olhou-o. Depois

olhou a modista, que ainda os seguia com os olhos do outro lado da sala. E sorriu, devagar, com um contentamento tão evidente, tão pouco cristão, que Edward teve vontade de lhe bater. Nessa noite, à porta da pensão, Julien disse-lhe apenas, ao ouvido: *Elle ne sait pas danser.* Ela não sabe dançar. Como quem encerra um assunto. Como quem já sabe o que o outro sente e se alegra de o saber primeiro.

Foi numa dessas noites, já em novembro, que nasceu o assobio.

Tinham ficado até tarde num ateliê da rue Delambre, e Edward, que não perdera o hábito da pontualidade, lembrou-se de repente da regra de Madame Gauthier. Passava das dez e meia. A porta da pensão estaria trancada, e a zeladora, que dormia num cubículo junto à entrada, só abriria após um interrogatório, que no dia seguinte chegaria intacto aos ouvidos da proprietária. Julien riu do pânico dele e acompanhou-o até a rue Vavin. Ao descobrirem que a janela da zeladora ainda tinha luz, decidiram esperar na esquina, colados à parede, até que ela se apagasse.

Fazia frio. A respiração dos dois subia em pequenas nuvens que se confundiam no ar. Para passar o tempo, Julien começou a assobiar baixinho uma melodia que Edward não conhecia: uma frase curta, ascendente, de uma doçura melancólica, que parecia sempre a ponto de terminar e nunca terminava.

"O que é isso?"

"*Plaisir d'amour*", respondeu Julien. "Uma romança velha, do tempo das perucas empoadas. Minha ama de leite cantava para mim nas noites em que eu não dormia, baixinho, para o meu pai não ouvir, porque ele dizia que era música de alcova. Diz que o prazer do amor dura só um momento, e que a dor do amor dura a vida inteira." Assobiou de novo a mesma frase, mais devagar. "Repita."

Edward tentou. Saiu desafinado, e Julien cobriu-lhe a boca com a mão enluvada para abafar o riso dos dois. A mão ficou ali um instante, sobre os lábios dele, e depois desceu devagar, sem pressa, até o queixo, antes de se retirar. Edward tentou outra vez. E outra. Na quarta, a frase saiu inteira e limpa na noite fria.